



## ISCTE - ESCOLA DE GESTÃO RUI ALPALHÃO

# Nacional Porreirismo & Escassez

Terminou a época futebolística, sem brilho para aqueles que, como eu, têm na alma a chama imensa. No último jogo da Liga, tristemente designada Bwin, o Futebol Clube do Porto sagrou-se novamente campeão nacional, e o pouco expansivo Prof. Jesualdo Ferreira fez entrar em campo, a cinco minutos do fim, o outrora dono da baliza dos dragões e da equipa nacional, Vítor Baía, que não havia merecido a sua chamada em nenhum dos vinte e nove jogos anteriores, nos quais a baliza dos campeões ficou entregue ao mais jovem Helton. Com estes singelos cinco minutos, perante um Desportivo das Aves já goleado e despromovido, Baía tornou-se campeão nacional pela 10ª vez, feito superado apenas pelos onze títulos do grande Eusébio. Na época passada, Nuno Ribeiro, dito Maniche (com um só "n") por ter sido, na juventude e quando júnior do Benfica, émulo de um dinamarquês alto e louro assim chamado (embora com dois "nn"), fez oito jogos pelo Chelsea FC, vencedor da Barclays Premier League, mas não passou a ostentar o título de campeão inglês. Oito jogos não chegam para tal. Cinco minutos chegam, e sobram, para ser campeão português. Terá o nacional porreirismo do circunspecto Prof. Jesualdo e dos regulamentos da Liga Portuguesa beneficiado o "currículo" de Baía? Terá a Liga Inglesa algo contra Maniche? A resposta à primeira questão é muito discutível; já a segunda pergunta tem resposta mais óbvia, e negativa. A Liga Inglesa não tem certamente nada contra Maniche, nem contra nenhum jogador que seja relativamente pouco utilizado numa equipa campeã. Tem, pelo contrário, porventura melhor noção das implicações da escassez do que a Liga Portuguesa.

A escassez ocupa um lugar central na teoria económica e, nesta, na teoria do valor, que estabelece os fundamentos do valor dos bens. Se não houvesse escassez, todos poderiam ter tudo o que desejam, todos os bens seriam gratuitos. Não haveria, certamente, teoria económica, nem tão pouco escolas de gestão. No entanto, os recursos disponíveis são escassos, levando à necessidade de escolher entre alternativas, optando por umas em detrimento de outras. A teoria económica mostra que os produtores com poder de mercado têm interesse em fomentar a escassez dos produtos que oferecem. O produtor astuto sabe que deve gerar a escassez, admitidamente artificial, do seu produto, para maximizar o seu benefício. Ora, a vitória nas competições desportivas é, por definição, só para o vencedor, portanto naturalmente escassa. Em jogos extremamente competitivos, como os da NBA, não há sequer empates, o que aliás também acontecia na NASL, a liga americana de futebol que precedeu a actual MLS e na qual



**Bastariam dois ou três minutos na última jornada de um próximo campeonato ganho pelos dragões, depois de uma temporada confortavelmente passada no banco dos suplentes. Mas Baía já anunciou a sua retirada. Os campeões sabem o valor da escassez.**

os jogos que terminavam empatados eram resolvidos com uma originalidade chamada "shootout" e que consistia em séries em que os jogadores de cada equipa tentavam marcar golo em remates de longe com a bola em movimento. As ligas europeias de futebol não vão tão longe, mas nenhuma admite vencedores "ex-aequo". Sendo certo que só pode haver um campeão, nos desportos colectivos é legítimo convencionar como se define quais os atletas que contribuíram com suficiente intensidade para a vitória colectiva para serem, individualmente, sagrados campeões. Uma cultura valorizadora da escassez convencionará de forma a não banalizar o estatuto de campeão. Com isso valorizará o estatuto, da mesma forma que um produtor monopolista valoriza o seu produto ao abster-se de produzir. Aqueles que, tendo dado uma contribuição marginal para a vitória colectiva, não forem sagrados campeões, ficarão provavelmente tristes. Mas a Liga cujos regulamentos sagram campeão tanto aquele que jogou alguns minutos num jogo já de-

cidido como os esteios da equipa campeã, presentes e decisivos nos jogos fundamentais, destrói o valor do feito que quer premiar. O porreirismo, ao coroar todos, premeia cada um com um galardão empobrecido. E não motiva os menos utilizados a excederem-se de forma a merecerem a escolha do treinador sistematicamente, e não por especial favor em qualquer mão-cheia de minutos sem relevância para o resultado final.

Com o Futebol Clube do Porto bicampeão e confortavelmente instalado na posição cimeira do futebol nacional, pode pensar-se que não seria difícil a Baía igualar Eusébio como o jogador português mais vezes campeão nacional. Bastariam dois ou três minutos na última jornada de um próximo campeonato ganho pelos dragões, depois de uma temporada confortavelmente passada no banco dos suplentes. Mas Baía já anunciou a sua retirada. Os campeões sabem o valor da escassez.